

Posicionamentos axiológicos sobre a maternidade em postagens e comentários na rede social *Instagram*

*Axiological positions on motherhood in posts and comments on the social network
Instagram*

Luiz Henrique Rodrigues e SILVA*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAPES)

Rosângela Alves dos Santos BERNARDINO**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

RESUMO: Este trabalho propõe discutir aspectos dialógicos e enunciativos de posicionamentos axiológicos em postagens e comentários sobre a maternidade na rede social *Instagram*. O objetivo principal é analisar como os valores axiológicos relacionam-se com o ponto de vista inicial das mulheres entrevistadas ao influenciar as manifestações do público quanto à temática discutida. Nosso referencial teórico considerou postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD), de Adam (2011), quanto às noções de texto, gênero e práticas discursivas, estabelecendo interface com a Análise Dialógica do Discurso (ADD) conforme Bakhtin (2016), Volóchinov (2017) e autores comentadores das obras do Círculo, retomando conceitos como dialogismo, enunciado e posicionamento axiológico. Selecionamos duas postagens com manifestações pessoais das atrizes Samara Felipo e Tatá Werneck e seis comentários de internautas a essas postagens. Como resultados, verificamos que a exposição das dificuldades das atrizes quanto à função materna provocou manifestações de caráter diverso, predominando, contudo, avaliações axiológicas mais positivas.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Maternidade. Comentários. Posicionamento axiológico.

ABSTRACT: This article aims to discuss the dialogic and enunciative aspects of axiological positions in posts and comments about motherhood on the social network Instagram. The main objective is to analyze how axiological values relate to the initial point of view of the women interviewed when influencing the public's manifestations regarding the topic discussed. Our theoretical framework considered postulates of Textual Discourse Analysis (ATD), by Adam (2011), regarding the notions of text, genre and discursive practices, establishing an interface with

* Graduado em Letras/Português pela Universidade Estadual do Ceará. Especializado em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Ceará. Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus avançado de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte. E-mail: luizrique03@gmail.com.

** Graduada em Letras/Português pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus avançado de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte. E-mail: rosangelabernardino@uern.br.

Dialogical Discourse Analysis (ADD) according to Bakhtin (2016), Volóchinov (2017) and authors who comment on the works of the Circle, revisiting concepts such as dialogism, enunciation and axiological positioning. We selected two posts with personal manifestations by actresses Samara Felipe and Tatá Werneck and six comments from internet users to these posts. As a result, we found that the exposure of the actresses' difficulties regarding the maternal role provoked manifestations of diverse nature, with a predominance, however, of more positive axiological evaluations.

KEYWORDS: Dialogism. Motherhood. Comments. Axiological positioning.

Introdução

Os estudos sobre a linguagem humana perpassam os séculos da nossa história. O grande número de idiomas, falares, dizeres e modos de se comunicar utilizando as línguas e a linguagem são diferentes e diversificados, estando geograficamente ilimitados pelos sujeitos sociais que os utilizam, seja presencialmente ou mesmo virtualmente através da tecnologia e dos dispositivos eletrônicos/tecnológicos.

Teóricos e estudiosos da linguagem, desde há muito, concentram-se e dedicam-se a compreender o complexo funcionamento das nossas línguas e como esse mesmo funcionamento acontece quando somos influenciados por fatores tanto internos quanto externos ao uso da linguagem, sejam eles intralinguísticos ou extralinguísticos. Os diferentes modos de falar/escrever/comunicar-se não são estanques, uma vez que a língua também não o é. Pelo contrário. Ela é influenciada dentro de suas equivalências e possibilidades de comunicação e expressão com os vários sujeitos sociais que dela fazem uso todos os dias.

Os meios de comunicação, nesse sentido, exerceram e ainda exercem um importante papel no que diz respeito à legitimação desses processos comunicacionais singulares e plurais ao mesmo tempo. São assim, pois a fala de uma pessoa tem características próprias da sua singularidade como sujeito, mas é também plural pelas influências que recebe desde os primeiros balbucios ainda na infância e começo da vida.

A carta pessoal, o telefone, o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet, contribuíram, cada um à sua maneira e conforme o período de mais atividade tecnológica e receptividade social, para o desenvolvimento de novas formas de comunicação e sociabilização dos indivíduos. Tal acontecimento materializou-se em novas formas de expressão, de falar, de escrever, de ver, enfim, de se expressar lançando mão da nossa língua.

E é dentro desse cenário que este trabalho vem, a partir de uma perspectiva textual, dialógica e enunciativa, procurar compreender como a maneira que lemos uma postagem em uma rede social pode nos influenciar, concordando ou discordando das colocações ali postas, justamente a partir da leitura que fazemos dos posicionamentos axiológicos dos sujeitos que manifestam suas vozes naquele instante.

Sendo assim, primeiramente apresentamos nosso referencial teórico quanto à noção de texto e sua interface com o gênero e as práticas discursivas à luz da Análise Textual dos Discursos (ATD). Logo após, discutimos postulados sobre enunciado e dialogismo quanto à Análise Dialógica do Discurso (ADD) a partir dos pressupostos colocados pelo Círculo de Bakhtin, além de reflexões de outros teóricos a respeito dos conceitos de ideologia, signo linguístico, enunciado e posicionamento axiológico.

Depois, apresentamos a metodologia, em que expomos a maneira pela qual selecionamos e analisamos os posicionamentos axiológicos presentes nas postagens e comentários escolhidos. Após isso, realizamos a análise dos depoimentos das duas atrizes entrevistadas pelos profissionais dos programas dos quais participaram e de seis comentários sobre cada um desses depoimentos. Por fim, expomos as nossas considerações finais a respeito do que constatamos durante esse processo.

1 A Análise Textual dos Discursos (ATD)

Os estudos que investigam o texto e a sua relação com o gênero no qual se manifesta e os aspectos discursivos que apresentam são cada vez mais recorrentes, haja vista presenciarmos uma discussão que os colocam como entidades linguísticas imbricadas e que não se dissociam uma da outra quanto às suas relações de significado. No âmbito da Análise Textual dos Discursos (ATD), destaca-se como expoente primeiro o linguista francês Jean-Michel Adam, que propõe uma espécie de aprofundamento àquilo em que a Linguística Textual já vinha (ou vem) por ora se concentrando, mas, agora, com uma proposta de se pensar o texto e o discurso como categorias amplas e objetivando situar a Linguística Textual em um espectro de estudo mais amplo e relacionado com a Análise do Discurso (Adam, 2011, p. 24).

Ao retomar as considerações de Saussure, por exemplo, o próprio Adam (2011, p. 34) destaca que, ao avaliar a importância do discurso e a sua relação textual com a língua,

há uma preocupação principalmente com a abstração do sistema da língua a partir dos fatos do discurso, privilegiando-a acima do que se considera como um campo de realização daquilo que a língua deseja representar, que, no caso, é o próprio discurso. Em contrapartida a isso, outro teórico, Émile Benveniste, é mencionado no sentido inverso aos pensamentos de Saussure, uma vez que, para aquele, há de se destacar a realização do discurso como esfera de manifestação linguística na qual a própria língua e os textos nos quais ela se materializa serão os responsáveis por garantir as relações semânticas que ocorrem nos mais diferentes contextos.

Em relação a isso, é plausível destacar a existência entre as duas áreas que percorrem um sentido tanto de complementaridade quanto de separação ao mesmo tempo. Para tanto, Adam (2011, p. 43) considera haver nessa complementaridade, por exemplo, uma espécie de imbricação das tarefas e dos objetos postulados pela Linguística Textual e pela Análise do Discurso com o objetivo de definir “a linguística textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas”, ou seja, tomando a primeira teoria como uma amplificação daquilo que os discursos postos e apresentados nas mais diversas situações de comunicação querem dizer, sendo analisados a partir daquilo que o texto neles presente e nos quais se realiza quer defender.

Ao propor esse entendimento, o referido teórico apresenta, esquematicamente, aquilo que ele chama de jogo complexo de unidades textuais que compõem o que definimos como “texto”, afirmando que as determinações textuais “ascendentes” – palavras, proposições, períodos e/ou sequências e plano de texto – constituem encadeamentos que fazem parte do sistema e que constituem a unidade TEXTO¹. Por outro lado, as regulações “descendentes” – formações discursivas, gêneros e línguas em uma interação – ocorridas nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros dados, resultaram nos enunciados que formam os discursos nas mais diferentes categorias de significação e contextos de circulação.

Adam (2022, p. 33) complementa ainda mais tais noções quando discute o conceito de textualidade aliado a outros, relacionados aos gêneros do discurso e como tais textos – orais e escritos – se intercambiam. Para ele, os mais diversos textos que compõem o que chamamos de textualidade constituem um “sistema de gêneros de discurso” que é

¹ Convém salientar que Adam (2011, p. 44) conceitua o texto como o objeto da Linguística Textual, enquanto que os enunciados são os objetos da Análise do Discurso.

próprio de uma época e a um determinado grupo social, por exemplo. Verifiquemos o que ele afirma a respeito dessa relação quando defende a existência de uma unidade linguística usando dois exemplos de gêneros nos quais os elementos texto e discurso se encontram e se complementam:

Para pensar a unidade da língua, é impossível limitar a língua escrita à transcodificação da língua oral e reduzir o texto à transcodificação-inscrição do que seria o discurso. Às definições que dão a entender que o oral não faria texto, poderíamos objetar que, de um ponto de vista textual, não há nenhuma diferença entre um provérbio oral e um provérbio escrito, entre um *slogan* político ou publicitário escrito e um *slogan* político ou publicitário oral. Bastante submetidos a restrições formais, esses gêneros discursivos comuns na escrita e na oralidade diferem pela materialidade de sua enunciação: os recursos sonoros e de acentuação da oralidade e os da espacialidade topográfica do canal visual. Elas derivam, certamente, de dois regimes distintos de uso da língua, mas fazem texto, tanto um quanto outro. (Adam, 2022, p. 30).

Conforme vemos e registramos anteriormente, tanto o oral como o escrito são, sim, manifestações textuais legítimas e que, independentemente do gênero e da forma como se manifestam no gênero, constituem um texto que está inserido em um discurso. Em outro momento, Adam (2022, p. 32) pontua ainda que a teoria do texto constitui “apenas uma parte da análise discursiva”, reforçando, a partir de outros teóricos, que o texto seria um exemplo de discurso, uma vez que nunca está inacabado ou fechado, mas que só existe dessa forma – como texto – em função de outros discursos que o precedem e o constituem, contribuindo, assim, para uma noção mais ampla dessa relação indissociável entre dois elementos que constituem um outro e que se realizam através dele, que é o gênero.

2 A perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin

As ideias promovidas pelo Círculo de Bakhtin e seus teóricos certamente introduziram novas perspectivas no que diz respeito à compreensão do chamado dialogismo bakhtiniano. Cunha (2005, p. 168) esclarece que o dialogismo, dentro do que considera a concepção bakhtiniana de linguagem como interação, define-se como “todo enunciado que é uma resposta a um já-dito, seja numa situação imediata, seja num contexto mais amplo”.

A autora salienta também que o dialogismo não se constitui “do diálogo entre falantes numa situação de conversação, mas da relação do enunciado com o que já foi dito sobre o mesmo assunto e com o que lhe suceder na ‘corrente ininterrupta da comunicação verbal’ (Bakhtin, 1997). Entende ela ainda que, numa perspectiva dialógica, “a fala é sempre constituída de outras que lhe antecederam sobre o tema”. Os estudos trazidos à tona até aquele momento revelaram que o alcance das ideias do Círculo, a recategorização de conceitos e a recriação e reinterpretação de outros que já existiam reforçaram os modos de ver e estudar a linguagem em uma concepção mais ampla dela própria.

Brait (2012, p. 79), por exemplo, menciona que o próprio Bakhtin “não escreveu sozinho o conjunto de obras que compõem o que denominamos de pensamento bakhtiniano”, uma vez que, nos idos das primeiras décadas do século XX, houve um rearranjo teórico e multidisciplinar envolvendo conhecimentos de várias áreas – como a filosofia, a literatura e a biologia – e por diferentes intelectuais russos que promoveram um diálogo com muitas tendências, mas assumindo como ponto de referência central a linguagem.

A autora considera, inclusive, que, ainda hoje, vários trabalhos daquela época “estão sendo pensados, digeridos e repensados”, com estudos que têm por objetivo ampliar e apresentar novas formas de “conceber e enfrentar a linguagem” (Brait, 2012, p. 80). Na subseção seguinte, compreenderemos melhor o conceito em torno da Análise Dialógica do Discurso.

2.1 A Análise Dialógica do Discurso (ADD)

Dentro das ideias propostas no e pelo Círculo de Bakhtin com a reflexão promovida por pensadores do próprio Círculo a respeito dos estudos da linguagem, surge uma nova teoria chamada de Análise Dialógica do Discurso (ADD), que, como bem define Brait (2012, p. 84), é, “em linhas gerais”, a “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos”. Originária dos estudos bakhtinianos, a autora explica que os sujeitos envolvidos nesse novo campo de estudos são elementos essenciais para o pesquisador quando este quer compreender e explorar a produção de sentidos e a concepção de linguagem que os envolve. Para ela, a concepção de linguagem e os sentidos

construídos a partir dela estão apoiados “nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” com um tipo de conhecimento que é “produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos” (Brait, 2012, p. 84).

A autora reforça ainda que, para a Análise/Teoria Dialógica do Discurso, dentro de um panorama de estudos que não considera somente a linguística, mas outras áreas, como a psicologia, a psicanálise, a teoria literária e a antropologia, com as mais diversas culturas e ideologias que são por elas consideradas para compreender o mundo e o ser humano, o sujeito é o foco principal de estudo e preocupações. Um sujeito que, para ela, é social, histórico e múltiplo.

Entre os pontos que caracterizam a Análise/Teoria Dialógica do Discurso estão o reconhecimento da multiplicidade de discursos que constituem um texto ou um conjunto de textos e que se modificam, alteram ou subvertem suas relações, por força da mudança de esfera de circulação; a ideia de que “as *relações dialógicas* se estabelecem a partir de um ponto de vista assumido por um sujeito”; a concepção em torno de que “as *relações dialógicas* não são dadas” e, assim sendo, não estão prontas, finalizadas e acabadas em um determinado objeto de pesquisa, “mas sempre estabelecidas a partir de um ponto de vista”; e também a ideia de que a concepção de texto entendida como a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, “mobiliza discursos históricos, sociais e culturais para constituí-lo e constituir-se” (Brait, 2012, p. 85).

Diante disso, pontuamos que o ponto de vista assumido pelo sujeito, dentro e a partir das relações dialógicas por ele estabelecidas, respalda e se consolida como algo notoriamente assumido, e que as relações dialógicas fruto desse ponto de vista não são estanques e simplesmente acabadas, mas estão em constante mudança, uma vez que o seu fim é mobilizar discursos de toda natureza que eles já constituem ou que constituirão.

Tão fundamental também é verificarmos de que maneira, dentro desse arcabouço de relações dialógicas assumido pelo sujeito, ocorrerá a materialização desse ponto ou desses pontos de vista, se de modo verbal, visual ou mesmo verbo/visual. É nesse contexto que analisamos qual concepção, tanto ideológica quanto semiótica, será adotada pelo sujeito falante/escrevente/ouvinte quando da utilização dos recursos a ele disponíveis para tal.

Esclarece Brait (2012) que, dentro dessa construção linguística e comunicativa, é que, muitas vezes, faz-se necessário entender que o texto abarca recursos dialógicos que

vão além do verbal e do visual, uma vez que, para ela, o texto “deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem”, e compreendido como algo composto por “embates e tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão”, ostentando, por assim dizer, “a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais” (Brait, 2012, p. 88, 89).

Aqui, cabe mais um adendo que consideramos relevante sobre o que diz a autora: é preciso considerar, analisar e interpretar o texto a partir dos aspectos dialógicos inerentes a ele e das tensões e dos embates que ele provoca no público e nos sujeitos que o leem e que o consideram como fonte de informação e comunicação. Os textos (ou os gêneros textuais ou discursivos²), têm, assim, a propriedade e a capacidade de promover aquilo que o dialogismo bakhtiniano traz em sua concepção: responder a outros textos ou enunciados dentro da ideia do que já foi dito ou expressado, complementando, alinhavando, concordando, discordando ou reconsiderando uma fala ao lançar mão de outras falas para tal.

Esse trabalho, portanto, visa, a partir dessas observações, a analisar de que maneira esses pontos de vista assumidos por sujeitos situados historicamente, socialmente e culturalmente contribuem para construir outros pontos de vista, promovendo o surgimento de outros tipos de relações dialógicas que, em determinados momentos, podem ou não se alinhar com aquele inicial. Nossa proposta é justamente perceber como a opinião manifestada por um sujeito específico, dentro de um contexto específico, chega e é recepcionada por sujeitos com visões diferentes ou não sobre aquele assunto posto em discussão.

3 O signo linguístico

A capacidade que os falantes possuem de expressar-se através da língua e da linguagem, utilizando-se para tal dos mais diferentes signos linguísticos, sofreu e ainda

² A noção de *gênero textual*, que em Bakhtin (1997) é explicada com a terminologia de *gênero discursivo*, considera não mais gênero e tipo textual como algo único e até fixo e imutável. Cunha (2005, p. 169) explica que, para ele, uma definição para gênero ou enunciado considera “critérios não-linguísticos”, a saber “as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, o estilo de língua e a construção composicional. Os gêneros, assim, “têm uma forma relativamente estável, que os falantes reconhecem e usam, uma vez que a linguagem só se realiza em gêneros”.

sofre modificações e ampliações com o passar dos anos. Atualmente, e até mesmo com o surgimento das novas mídias sociais, o alcance dessa comunicação é, para muitos, ilimitado, sendo possível uma interação a distância, na qual a presença do corpo físico ou mesmo o contato físico entre os sujeitos dessa interação é algo prescindível naquele e para aquele momento.

Na Linguística moderna, os estudos estruturalistas de Saussure e suas dicotomias (língua e fala; sincronia e diacronia; sintagma e paradigma; e significante e significado) contribuíram para o que hoje temos de arcabouço básico dos estudos linguísticos, servindo, porventura, como fonte primária das pesquisas em linguística. Em relação à última – significante e significado –, que opõe os componentes do chamado signo linguístico, Costa (2022, p. 118, 119), tomando por referência o pensamento saussuriano, explica que o signo é “a unidade constituinte do sistema linguístico”, sendo ele formado por “duas partes absolutamente inseparáveis”, que não podem existir senão em conjunto, assim “como acontece com as duas faces de uma folha de papel: um *significante* e um *significado*”³.

Nessa perspectiva, podemos considerar também o que afirma Volóchinov (2017) a respeito dos signos e sobre “o mundo dos signos”. Para o autor, qualquer elemento, seja ele natural ou fabricado pela indústria ou tecnologia, pode adquirir uma significação que também pode se estender além dos limites de sua criação e idealização para o fim primeiro para o qual foi pensado. Segundo ele, o signo pode assumir aspectos que vão além da realidade concreta para a qual foi criado, sendo capaz de ampliá-la e modificá-la a partir de outros postos de vista, a depender das necessidades, inclusive ideológicas, que, porventura, possam surgir mais adiante.

Assim, constatamos que o signo pode contribuir para percebermos a nossa realidade de um ponto de vista específico e, quem sabe, de um ponto de vista distinto dos demais até então colocados ou expostos. Dentro dessa mesma percepção podem acontecer até mesmo mudanças de caráter ideológico, pois há de se considerar que todo signo possui elementos ideológicos em sua composição, fazendo com que aqueles mesmos pontos de

³ Suscintamente, relembramos aqui a proposta saussuriana que, como bem esclarece Costa (2022, p. 119), compreende que o signo linguístico é formado por duas partes, a saber: o significante, elemento que “consiste numa sequência de fonemas” e “também chamado de imagem acústica”, e o significado que “é a outra face do signo” e que é “também chamada de conceito”, representando “o sentido que é atribuído ao significante”. Portanto, pode-se depreender o entendimento de que “o signo, unidade constituinte do sistema linguístico, resulta da associação de um conceito com uma imagem acústica”.

vista (bom, ruim, verdadeiro, falso, correto, incorreto, justo, injusto, etc.), de caráter ideológico, sejam reconsiderados, ampliados e até modificados, já que “o campo ideológico coincide com o campo dos signos” e, portanto, “onde há signo, há também ideologia” (Volóchinov, 2017, p. 93).

Na seção seguinte, trataremos desse ponto mais específico – a ideologia – discutindo como em muitas ocasiões o uso de determinada palavra ou fala, seja ela mais ou menos pontual, pode ser compreendida por um caráter ideológico capaz de angariar pensamentos convergentes dentro da discussão de um assunto específico, mas também sendo igualmente capaz de gerar pensamentos divergentes.

4 Ideologia

As reflexões sobre ideologia nos trabalhos e no pensamento de Bakhtin e do seu Círculo podem ser introduzidas na presente discussão a partir do que considera Volóchinov (2013, p. 138) ao defender que ideologia é “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas” ou, até mesmo, outras formas sógnicas.

Complementarmente, Miotello (2005), ao expor suas reflexões no âmbito do Círculo, afirma que ideologia é um “conceito fundamental”, sendo amparado por questões que ultrapassam o entendimento reportado pela “ideologia oficial” e apresentando uma outra que foi por eles, os pensadores do Círculo, chamada de “ideologia do cotidiano”.

Entretanto, antes de esclarecermos o que seria ou é de fato essa “ideologia do cotidiano”, convém explicar que, também conforme Miotello (2005, p. 168), não houve por parte do próprio Bakhtin e de seus companheiros do Círculo um trabalho que tomasse a ideologia como “algo pronto e já dado, ou vivendo apenas da consciência individual do homem”, visto que, para eles, outros fatores tão igualmente relevantes para a construção desse conceito são pertinentes, como a “questão da constituição dos signos”, a “constituição da subjetividade” e também o “conjunto de todas as outras discussões filosóficas” que ajudam a construir uma perspectiva ideológica e idealista.

Feito esse esclarecimento, voltemos, então, à questão da chamada “ideologia do cotidiano” que, nas palavras de Miotello (2005, p. 168, 169), diferentemente da “ideologia oficial”, que procura “implantar uma concepção única de produção de mundo”, é aquela

que surge a partir da casualidade e fortuitamente, tendo como lugares de origem os contextos de “proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida”.

Além do mais, para Bakhtin e seu Círculo, existe uma relação dialética entre ambos os conceitos, relação essa que se estabelece na concretude, tendo, de um lado, a ideologia oficial “como estrutura e conteúdo relativamente estável” e, de outro, a ideologia do cotidiano como “acontecimento e relativamente instável”, porém ambas possuindo e formando um “contexto ideológico completo e único, em relação recíproca” (Miotello, 2005, p. 169).

Em meio a esse contexto, Miotello (2005) considera ainda que, para Bakhtin, existe uma relação do indivíduo com a ideologia, relação essa que é aprofundada através de interações sociais que vão se aprofundando no meio social em que o sujeito está inserido. Dessa forma, a ideologia do cotidiano tem um papel relevante, uma vez que é ela a responsável por ditar os enunciados e enunciações que serão construídos, atribuindo, assim, valores que serão considerados em cada situação social nas relações entre o homem, o outro e o mundo.

Interessa-nos aqui, inclusive, destacar o que Miotello (2005) afirma sobre “ideologia do cotidiano”: por questões biológicas, o indivíduo não lança mão de reações ideológicas, pois as interações sociais não possuem marcas dessa natureza. Sendo assim, conclui-se que é o meio social, a partir das interações e das relações interpessoais, que ditará os rumos dos posicionamentos ideológicos de cada um e que entrarão ou não em sintonia com o falar e o pensar dos demais indivíduos sobre um determinado assunto.

5 Enunciado e posicionamento axiológico

O ato de manifestar uma opinião ou um posicionamento a respeito de uma determinada temática tornou-se uma necessidade comunicativa de suma importância atualmente. Porém, antes de especificarmos o conceito de posicionamento axiológico conforme estudos que mencionam especificamente tal terminologia, convém registrar o que defende Bakhtin (2016, p. 57, 58) sobre o conceito de enunciado.

Para o filósofo russo, enunciado compreende uma manifestação da linguagem que possui seus limites definidos a partir da “alternância de sujeitos no discurso” de modo a compreender “variadas atitudes responsivas a outros enunciados” dentro das mais

diferentes formas de comunicação em que é usado por esses mesmos sujeitos. Pontua-se ainda que, para tal feito, faz-se necessário considerá-lo como um “ato bilateral” e organizado por “indivíduos socialmente organizados”.

Dado o exposto, explanamos o conceito de “posicionamento axiológico”, que pode ser definido, segundo Dias (2023, p. 209), como o modo de “orquestração das diversas vozes sociais” a fim de estabelecer uma comunicação discursiva na qual é o sujeito que as combina para organizar estrategicamente os “discursos articulados para a defesa de uma tese”, ou seja, de um ponto de vista. Ainda conforme a autora, esse mesmo posicionamento “se mantém sempre em interação com outros”, podendo se manifestar como estratégia responsiva a eles, mantendo “as mais diversas relações, como concordância, desacordo, refutação ou antecipação”.

Complementar a isso, cabe-nos reforçar o que entendemos por enunciado, uma vez que, dentro da manifestação de valores axiológicos pelos sujeitos em situação de comunicação e interação com outros sujeitos, Dias (2021, p. 4, 5) ressalta que, ainda que de forma inconsciente e baseado no princípio dialógico, “o indivíduo se vale de enunciados alheios para tomar uma posição”, ainda mais porque “todo enunciado nasce de uma compreensão ativa do indivíduo sobre o mundo, pela qual ele interage com outras visões, afastando-se ou aproximando-se destas, em todo o caso tornando-se resposta”. Por esse motivo, essas mesmas e diferentes visões certamente vão se encontrar, resultando em uma espécie de mosaico de caráter valorativo, mesmo que sejam divergentes umas das outras.

Em meio a enunciados de caráter opinativo há elementos valorativos que são colocados a fim de complementá-los, reforçá-los ou mesmo modificá-los, possibilitando o encontro de diferentes vozes, e que “há uma voz que responde aos enunciados e às marcas valorativas com que esses recobrem o objeto e, nesse modo dialógico, opera sobre elas, no encontro de linguagens”, cabendo assim identificarmos o posicionamento emergente “no espaço da multiplicidade e confronto de vozes que ele é formado” (Dias, 2021, p. 9).

Dentro dessa multiplicidade de vozes e no confronto que há entre elas, a autora reforça que não importa qual será o tamanho do enunciado, porquanto o que se quer compreender é o alcance dele e a sua capacidade em gerar outros enunciados que serão

capazes de com esse primeiro entrar em conflito, seja convergindo ou mesmo divergindo nas relações dialógicas estabelecidas, pois,

[...] independentemente do seu tamanho, cada enunciado não somente prevê, já no momento de sua concepção, a emergência de outros que farão coro junto a ele e darão sequência ao fio discursivo, como também é, em essência, *resposta* às vozes com as quais colide e àquelas com as quais concorda. Em miúdos, o enunciado constrói-se a partir de uma contraparte anterior e em direção a uma futura, dando à luz as relações dialógicas. (Dias, 2021, p. 2).

Interessante observar que as relações dialógicas surgem, aparecem e manifestam-se a partir desses enunciados múltiplos que são sustentados pelas vozes igualmente múltiplas que são criadas a partir deles. Alvarenga e Polato (2021, p. 374) compactuam com esse pensamento, pois, para elas, os efeitos da reverberação de um enunciado de locutor para interlocutor sempre provocam algum tipo de resposta a qual elas conceituam como responsividade, e que “todo enunciado faz efeito na vida de outrem e gera sempre uma resposta que pode ser uma concordância ou uma discordância”.

Argumentam ainda as autoras que os valores axiológicos atribuídos a determinado ponto de vista e manifestados pelos sujeitos suscitam uma reflexão a respeito da construção do enunciado e sobre a tematização discursiva que ele realiza, havendo assim “uma composição dialogizada de vozes, de juízos de valor e entonações mobilizadas” (Alvarenga; Polato, 2021, p. 371).

Borges da Silva e Fabiano-Campos (2022, p. 140), nesse mesmo sentido, observam ainda que referir-se ao discurso de outra pessoa é uma atribuição que requer do falante/escritor a mobilização de recursos linguísticos que visem a “construir uma dinâmica de diálogo com as vozes citadas, para, a partir do embate com o outro, fazer avaliações e posicionar-se de forma a construir sua própria voz”. Mais ainda: é preciso que haja uma consciência explorativa dos enunciados que são objetos de intervenção axiológica e/ou ideológica⁴, visto que os “acentos axiológicos revelam-se, dentre outros, quando os sujeitos assumem uma posição dentro de um tema em debate”, e, assim, dentro

⁴ Convém aqui esclarecer que os termos “axiológico” e “ideológico” são, para alguns autores, conceitos sinônimos. Podemos mencionar, por exemplo, Alvarenga e Polato (2021, p. 373), quando afirmam que “o adjetivo ideológico aparece como equivalente a axiológico, ou seja, dotado de uma dimensão valorativa, avaliativa”. Elas reforçam ainda que “os enunciados são perpassados de projeções axiológicas e ideológicas, pois acontecem na esfera das ideologias, nas atividades humanas, na situação de interação discursiva e, ao mesmo tempo, expressam uma posição avaliativa [...]”.

desse posicionamento assumido, eles “questionam e problematizam as vozes convocadas no texto”.

Ainda segundo os autores, qualquer conteúdo “é acompanhado de uma ênfase valorativa, que corresponde a valores sociais, carregados de ideologia”, e o sujeito se posiciona ao fazer uma avaliação porque tal atitude configura-se como um “ato responsivo dirigido a alguém” e que, quando cita a voz do outro, o sujeito, automaticamente, produz “um ato responsivo ativo”, ainda que esse mesmo sujeito “não apresente no texto uma posição axiológica mais explícita/marcada frente à palavra alheia” (Borges da Silva; Fabiano-Campos, 2022, p. 140).

E é a partir dessa ênfase valorativa dirigida a alguém como atitude responsiva, que apresentamos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos que utilizamos para esse trabalho. Esclareceremos de que modo ocorreram as escolhas das postagens e a seleção dos comentários que foram objeto de análise e dos posicionamentos axiológicos neles contidos a respeito da temática em discussão.

6 Metodologia

Nesta seção, apresentamos a metodologia de seleção, coleta e análise do *corpus* utilizado para a pesquisa, ou seja, as postagens e os respectivos comentários a elas.

6.1 Procedimentos de seleção e coleta do corpus

Inicialmente, esclarecemos que o ponto de partida que norteou nossas escolhas e o interesse por esta pesquisa foi uma breve reflexão a respeito dos conceitos de enunciado e posicionamento axiológico a partir do trecho de uma entrevista concedida pela atriz Samara Felipo exibido em uma aula da disciplina “Linguagem e Discurso”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros.

Para esta pesquisa, selecionamos duas postagens feitas na rede social *Instagram* e que discutem a mesma temática: as dificuldades em torno da maternidade ou do “ser mãe”. Assim, escolhemos duas publicações com trechos de entrevistas dadas por duas atrizes, sendo uma trazendo o depoimento da atriz Samara Felipo em entrevista ao

podcast “Theorapia”, do canal “Téte a Theo” no *Youtube*, e que foi publicada na página “NanaRude”, do *Instagram*, e a outra com o depoimento da atriz Tatá Werneck em entrevista ao programa “Assim como a gente”, e que foi publicada na página do canal de televisão GNT, também do *Instagram*.

6.2 Procedimentos de análise

A partir das duas postagens, nossa análise se concentrou em verificar os posicionamentos axiológicos em torno dos depoimentos das entrevistadas sobre a maternidade e, de igual modo, em outros posicionamentos contidos em seis comentários feitos às postagens a respeito das falas delas, totalizando, assim, um número de quatorze pontos de vista analisados. Nosso intuito, portanto, era verificar como esses posicionamentos se apresentavam e as suas convergências e divergências em torno de uma temática que desperta opiniões diversas.

7 Análise do corpus

Conforme o que preconiza Adam (2011) quando afirma que o discurso é elemento indissociável do texto e do gênero nos quais se realiza; Bakhtin (2016), quando defende que o enunciado é composto não por uma, mas por diferentes atitudes responsivas dos sujeitos (no plural) que nele estão presentes; e do que afirma Dias (2023, p. 216) ao dizer que “a palavra do sujeito é plena de alteridade, visto que a sua existência convoca as palavras do outro a entrar no diálogo e imprimir nele novos acentos de valor, novos matizes de sentido, de um modo inelutavelmente próprio”, apresentamos, nas subseções abaixo, nossa análise a respeito dos posicionamentos axiológicos e valorativos tanto dos depoimentos das duas atrizes quanto dos comentários feitos por doze internautas às respectivas postagens.

7.1 Posicionamentos axiológicos das entrevistadas

Inicialmente, apresentamos abaixo as transcrições, na íntegra, dos trechos das entrevistas disponibilizados pelas páginas de cada mídia na rede social *Instagram*. Nesses

trechos, destacamos como se posicionam as entrevistadas frente à discussão que é levantada.

Começamos pela análise do trecho com o depoimento da atriz Samara Felipo. Segue a transcrição:

Quadro 1: Transcrição do trecho da Entrevista 1

Theodoro⁵: *De maneira sucinta: por que que você não ama ser mãe?*
Samara: *Porque não é da força. Eu não gosto da função de ser mãe. Eu não gosto de acordar cedo, eu não gostei de ficar grávida, eu não gostei de minha pele cheia de manchas, eu não gostei de pausar a minha carreira, eu não gostei de... e... aí agora adolescente agora você não gosta de inúmeras coisas que mudaram de fase, mas eu não gosto da função de ser mãe. Só que isso não invalida a minha maternidade e o amor incondicional que eu tenho pelas minhas filhas e tudo que eu dediquei e dedico a elas, entende? E é um tabu eu falar isso, como muitas mulheres, quando eu falei, falaram “obrigado”, “eu não sou um monstro”, “você tirou uma tonelada das minhas costas”, “obrigado eu também chorei no puerpério, me tranquei, e deixei chorando durante um... eu não sou um monstro”, “eu tive vontade de tacar na parede ‘eu não sou um monstro’”, cê entende? Validar esse sentimento dessas mulheres é muito importante, Theo. Então, quando eu percebi que eu não gostei e falei e foi um boom [...]*

Fonte: Elaborado/transcrito pelos autores.

No trecho da Entrevista 1, disponível em um *post* na página NanaRude, do *Instagram*, e concedida ao *podcast* “Theorapia” do canal do *Youtube* “Téte a Theo” em setembro de 2023, tem-se, a princípio, marcas vocabulares que denotam o posicionamento axiológico de uma mulher, atriz e famosa, que se manifesta de um modo considerado inadequado pelo público em geral em relação à maternidade ou à função de “ser mãe”, afirmação inclusive reverberada por ela ao dizer “eu não gosto da função de ser mãe”, assim que é questionada pelo entrevistador, logo no início.

No decorrer da sua fala, o posicionamento a respeito da maternidade é marcado pela repetição do termo adverbial “*não*” por cinco vezes (além do “*não*” inicial), acompanhado da forma verbal “*gostei*”, sendo uma ocorrência marcada, predominantemente, ao fazer referência a atributos da aparência física (“*ficar grávida*” e “*pele cheia de manchas*”), de uma função biológica e social (“*acordar cedo*”) e profissional (“*pausar a minha carreira*”). Além disso, no final da afirmação, ela, aparentemente, apresenta uma afirmação contraditória, senão confusa, em relação à adolescência (“*agora adolescente agora você não gosta de inúmeras coisas que*

⁵ O ator e entrevistador Theodoro Cochrane.

mudaram de fase”), o que, certamente, não ficou claro para o público o que ela realmente quis dizer.

Mais adiante, percebe-se que, para atenuar ou mesmo minimizar as suas afirmações anteriores, a entrevistada usa mais uma vez o advérbio “*não*”, porém com um outro efeito enunciativo, que é a de enaltecer a maternidade e o sentimento que ela tem em relação às filhas (“*Só que isso não invalida a minha maternidade e o amor incondicional que eu tenho pelas minhas filhas e tudo que eu dediquei e dedico a elas, entende?*”).

Isso é comprovado inclusive pelo uso do termo “*Só*”, também de natureza adverbial, logo no início da afirmação, que, nesse contexto, caracteriza, de fato, uma tentativa da entrevistada de diminuir os efeitos contraditórios ou polêmicos que as suas afirmações anteriores possam causar a quem a esteja ouvindo.

Ao continuar com seu depoimento, a atriz reconhece que a sua fala é polêmica (“*é um tabu eu falar isso*”), mas tenta justificá-la mencionando outras vozes, com valores axiológicos semelhantes ao dela. Nota-se, por exemplo, quando ela relata que ouviu agradecimentos de outras mães por ela ter exposto, de modo aberto, as dificuldades que elas também tiveram quando em processo de gestação e após ele.

Posicionamentos valorativos como “*eu não sou um monstro*”, “*you tirou uma tonelada das minhas costas*”, “*obrigado eu também chorei no puerpério, me tranquei, e deixei chorando durante um... eu não sou um monstro*”, para a entrevistada, colocaram as suas afirmações em um patamar de legitimação, uma vez que nem toda mulher lida com a maternidade da mesma maneira (“*Validar esse sentimento dessas mulheres é muito importante, Theo*”), sendo necessário que haja compreensão e acolhimento a esses sentimentos que, ainda, são incompreendidos e considerados tabus.

A seguir, continuamos com a análise, mas agora do trecho em que há o depoimento da atriz Tatá Werneck. Segue a transcrição:

Quadro 2: Transcrição do trecho da Entrevista 2

Tatá: *Eu sofri muito na minha gravidez, eu passei muito mal mesmo. Eu passei dois meses deitada, não podia levantar pra nada, que eu tive um descolamento. Tomei muito hormônio, vomitava quarenta vezes por dia. Eu tive urticária no corpo inteiro. Eu tive diabetes. Então, eu fazia ultra duas vezes por semana, não precisava porque era o momento em que eu lembrava que eu tava passando mal porque que a Cacá tava lá. Então, eu ficava fazendo pra entender porque que eu tava passando por tudo aquilo. E as pessoas me julgavam muito por eu tá reclamando. Eu*

ouvi coisas muito duras assim... 'cê quer ser mãe mesmo?'. Falavam... assim... vou falar sobre isso aqui porque eu acho importante.

Fátima⁶: Exato!

Tatá: Tem muitas mães que passam mal. Perguntavam: 'porque que você não tira?'... ficava assim: 'eu quero ter minha filha, mas eu tenho o direito de entender que o processo das pessoas é diferente e que o meu tá sendo muito difícil. E, quando a Cacá nasceu, eu também ouvi coisas duras assim...

Fátima: É... outro momento delicado o pós-parto, né? Todo mundo como se tudo fosse maravilhoso e nem sempre.

Tatá: Muito delicado... Então me falaram: 'pede desculpas pra sua filha'. Quando... eu me conectei quando ela nasceu e a primeira coisa que eu falei foi: 'filha, me perdoa... me perdoa se...'. Desculpa, gente!

Fátima: Ô, linda!

Tatá: Não, mas foi porque eu fiquei assim... 'me perdoa por não ter tido ainda a dimensão do que é ser sua mãe', sabe? E, a partir dali, eu criei essa conexão com a Cacá e tive muito medo, fiquei com muito pânico, me senti despreparada pra esse amor tão grande, mas foi muito difícil, sabe? E isso não tem nada a ver com o amor imenso, infinito que eu tenho por ela, só tem a ver com o meu processo. Eu tinha medo de reclamar e as pessoas acharem que eu não era uma boa mãe. Eu acho que toda mãe fica com medo de não ser uma boa mãe. Assim que ela nasceu, a gente passou por coisas muito difíceis também que eu nunca falei, uma história longa, mas um teste do pezinho que veio errado e que diziam que ela tinha uma coisa super séria. Aí fizemos outro e deu errado de novo. Aí fizemos um teste genético que saiu dois meses depois e aí falaram que ela ia ficar bem, mas eu passei dois meses olhando pra ela sem saber como eu poderia proteger o maior amor que eu tenho na vida. Então, foi um processo difícil. Mas hoje eu olho pra Cacá e eu falo: 'eu passaria por isso um milhão de vezes pra ter ela', mas, mesmo assim, não deixou de ser difícil. É por isso que eu faço questão de não romantizar. Foi realmente um momento muito delicado, que não tem nada a ver com a razão da minha vida que é a minha filha, minha... aquela senhora que mora comigo e que eu amo muito!

Fonte: Elaborado/transcrito pelos autores.

No trecho da Entrevista 2, disponível em um *post* na página do canal GNT, do *Instagram*, concedida ao programa “Assim como a gente”, também do canal GNT, em outubro de 2023, tem-se o depoimento de outra atriz que inicia a sua fala lançando mão, de modo incisivo, do pronome pessoal “*Eu*”, em uma tentativa de mostrar que o momento pelo qual ela passou ou vivenciou não foi nada fácil.

Logo no início, afirmações como “*Eu sofri muito na minha gravidez*”, “*eu passei muito mal mesmo*”, “*eu tive um descolamento*”, “*Eu tive urticária no corpo inteiro*”, “*Eu tive diabetes*”, trazem uma carga enunciativa e apelativa muito evidente, em que ela busca comprovar para as pessoas que a ouvem que, para a mulher, para a mãe, as dificuldades durante a gestação são reais e que não há só momentos bons.

Mais adiante, porém, a entrevistada relata, assim como aconteceu com o primeiro caso, que houve muito julgamento por parte de outras pessoas (“*as pessoas me julgavam*

⁶ A apresentadora e entrevistadora Fátima Bernardes.

muito por eu tá reclamando”), julgamento esse que lançava dúvidas até mesmo sobre a real vontade dela em ser mãe (*‘cê quer ser mãe mesmo?’*).

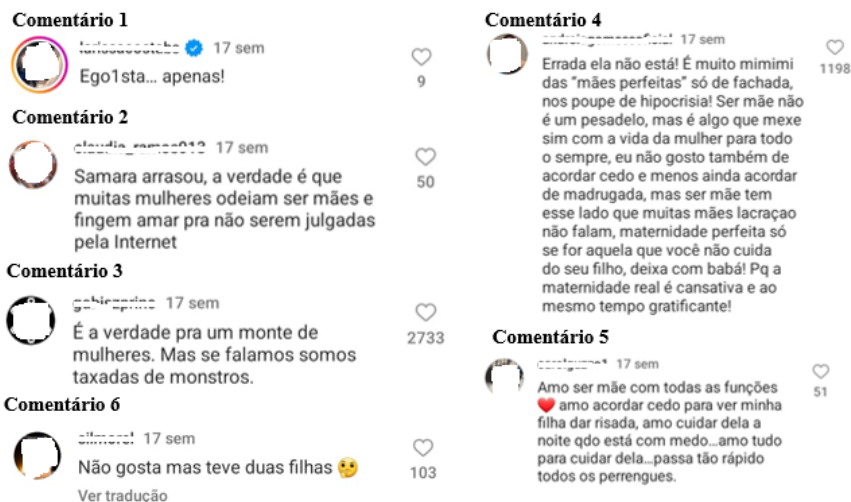
De modo semelhante à primeira situação, há também, por parte da entrevistada, uma preocupação em falar sobre aquele momento que ela viveu, como forma de testemunho (*“vou falar sobre isso aqui porque eu acho importante”*), e devidamente corroborado pela entrevistadora (*“Exato!”*). Mais uma vez, a entrevistada, semelhantemente à outra e em uma relação dialógica, dá voz a outros sujeitos e posicionamentos valorativos que, naquele momento, criticavam-na por ela expor as suas dificuldades (*‘porque que você não tira?’*, *‘pede desculpas pra sua filha’*).

Todavia – e aqui há uma diferença também em relação ao depoimento anterior – nota-se que a entrevistada, algumas vezes, dá voz a si, quando, em certos momentos, menciona pensamentos e dizeres que ela manifestava para ela mesma, como se estivesse tentando amenizar a sua dor com o desejo e o sentimento afetivo que nutria pela sua filha que iria nascer. Expressões como *“filha, me perdoa... me perdoa se...”*, *“me senti despreparada pra esse amor tão grande”*, *“acho que toda mãe fica com medo de não ser uma boa mãe”* e *“eu passaria por isso um milhão de vezes pra ter ela”* gabaritam e reforçam essa atitude responsiva consigo mesma.

7.2 Posicionamentos axiológicos dos internautas (comentários às postagens)

Em forma de *prints*, apresentamos, primeiramente, a Figura 1 com os seis comentários à postagem do trecho da Entrevista 1, analisando os posicionamentos axiológicos de cada um deles. Logo depois, disponibilizamos, na Figura 2, os *prints* dos outros seis comentários à postagem do trecho da Entrevista 2, também fazendo uma análise dos posicionamentos axiológicos neles contidos.

Figura 1: Comentários à postagem da Entrevista 1



Fonte: rede social *Instagram*.

Analisando os valores axiológicos dos comentários à primeira postagem, percebemos que cada um deles corresponde a um enunciado de posicionamento valorativo ao que é declarado pela entrevistada em relação à maternidade. É possível constatar também que a maioria deles é de apoio a ela, o que já caracteriza a manifestação de vozes que soam mais convergentes e solidárias ao seu pensamento.

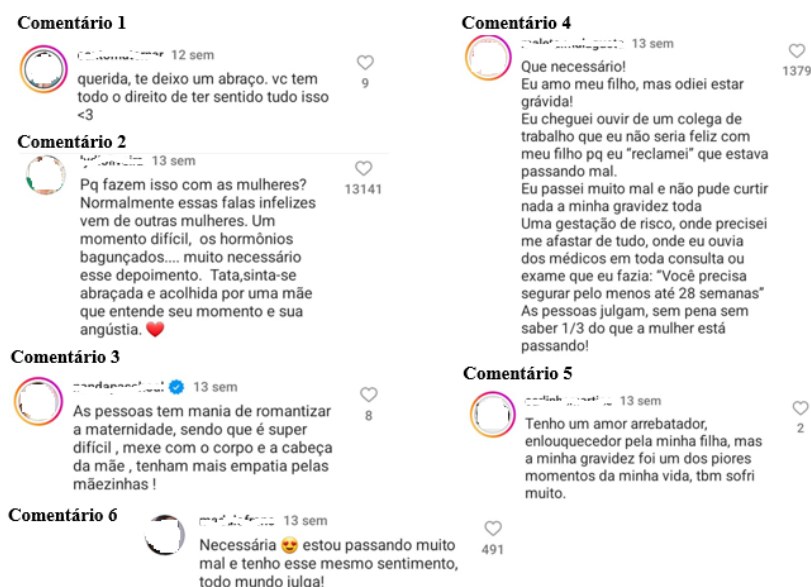
Vemos, por exemplo, no Comentário 2, que o termo interjetivo “*arrasou*” inicia a manifestação da internauta, porém sendo seguido por um posicionamento axiológico um tanto controverso ao afirmar que muitas mães fingem que amam quando, na verdade, odeiam essa função só para “*não serem julgadas pela internet*”. No Comentário 3, vemos que a internauta também segue uma linha semelhante, ao se posicionar em relação à ideia em torno da dificuldade em ser mãe e que, quando isso é exposto, falado, as mulheres, no geral, logo são “*taxadas de monstros*”.

No Comentário 4, percebemos que também há um apoio velado ao que a entrevistada diz, na medida em que a internauta reforça que “*a maternidade real é cansativa e ao mesmo tempo gratificante*”, e que, embora não seja “*um pesadelo*”, é “*algo que mexe com a vida da mulher para todo o sempre*”, reforçando que, ao dizer o que ela diz, a entrevistada “*Errada ela não está*”.

Já os Comentários 1, 5 e 6 apresentam uma certa convergência, em especial o primeiro e o último quando manifestam um posicionamento valorativo em tom mais agressivo ao usarem o adjetivo “*Egoísta*” e a afirmação de que “*não gosta mas teve duas filhas*” em relação à entrevistada. O outro comentário, porém, aparentemente apresenta

uma divergência com o posicionamento da atriz, todavia com uma relativa neutralidade, ao, por exemplo, usar bastantes vezes o verbo “amar” em primeira pessoa (“*amo*”) ao falar dos cuidados com a filha, e também ao dizer que “*passa tão rápido todos os perrengues*” em relação às dificuldades que surgem ao longo do percurso materno.

Figura 2: Comentários à postagem da Entrevista 2



Fonte: rede social *Instagram*.

A respeito dos valores axiológicos presentes nos comentários à segunda postagem, notamos que, semelhantemente ao que acontece na postagem anterior, também há, aqui, posicionamentos de apoio e compreensão ao que a entrevistada expõe. A maioria deles e, mais precisamente, os selecionados para essa análise, são imbuídos de manifestações a favor em relação às dificuldades em torno do “ser mãe”.

Podemos mencionar, por exemplo, os Comentários 1 e 6, mais concisos, porém ressaltando a importância de se falar sobre o assunto, com afirmações como “*vc tem todo o direito de ter sentido tudo isso*” e “*tenho esse mesmo sentimento, todo mundo julga*”, respectivamente, colaborando para a criação de uma espécie de rede de apoio à atriz naquele momento de desabafo.

Já os Comentários 2 e 3 preferem fazer menção ao estado psicológico e também do corpo feminino no momento da gravidez. Há o uso de afirmações como “*os hormônios bagunçados*” e “*é super difícil, mexe com o corpo e a cabeça da mãe*”, mas também de expressões que denotam revolta a outras vozes axiológicas contrárias, a exemplo de

“normalmente essas falas infelizes vem de outras mulheres” e “tenham mais empatia pelas mãezinhas”, não deixando por isso mesmo de existir o acolhimento necessário com um “sinta-se abraçada e acolhida por uma mãe que entende seu momento e sua angústia”.

Por fim, nos Comentários 4 e 5, há convergências quanto ao amor por ser mãe e também um certo desprezo pelo momento da gravidez. Constatamos isso pelo uso de expressões como *“eu amo meu filho, mas odiei estar grávida”* e *“Tenho um amor... enlouquecedor pela minha filha, mas a minha gravidez foi um dos piores momentos da minha vida”*, afirmações essas que corroboram algo que verificamos ser muito presente nos comentários: o amor, o gosto pela maternidade de muitas mulheres, mas o desgosto pelo processo até se tornar mãe.

Considerações finais

Diante das análises realizadas, constatamos que os depoimentos contidos nos trechos apresentam posicionamentos axiológicos cujos valores coadunam-se com as experiências de vida das entrevistadas, fato esse que gera, a princípio, reações diferentes conforme o público que as escuta falar sobre a maternidade. Tal observação vai ao encontro do que considera o próprio Bakhtin (2016) ao defender a atitude responsiva de um enunciado em relação a outro e a alternância de sujeitos dentro das enunciações que são feitas em torno, por exemplo, de uma temática posta em discussão em um determinado contexto comunicativo.

Nessa perspectiva, tais posições, embora produzam discordâncias por parte de algumas internautas, são o reflexo dessa realidade vivenciada de um modo diferente tanto por elas, quanto por outras mulheres e mães que vivenciam ou vivenciaram situações semelhantes, mas que não tinham a oportunidade de falarem a respeito. Isso é constatado, por exemplo, em uma das falas da atriz Samara Felipo, ao externar outras vozes axiológicas que, embora não sejam dos comentários analisados, materializam enunciações dialógicas ao acolhê-la com um *“obrigado”* e um *“eu não sou um monstro”*, reforçando a importância de depoimentos como esses.

Convém destacar também a relação intrínseca que existe entre o texto, o gênero e a prática discursiva a partir do que acentua Adam (2011), uma vez que os textos

transcritos dos trechos das entrevistas mantêm uma relação com o próprio formato que demanda o respectivo gênero e a liberdade discursiva dada aos posicionamentos axiológicos das entrevistadas e das pessoas que se manifestaram nos comentários e que, pelo que vimos, foram proporcionadas pelo contexto. Esse contexto foi ainda mais reforçado pelo espaço virtual da rede social *Instagram*, que também assegurou a liberdade de expressão ora mencionada, indubitavelmente presente nos discursos do “ser mãe” e das “dificuldades em torno da maternidade”.

Diante disso, nosso trabalho procurou discutir e “dar voz” a outras vozes axiológicas que, por medo, insegurança ou julgamento da sociedade, não têm a oportunidade de exteriorizar um sentimento em relação à maternidade e às dificuldades em torno dela e da gestação. Buscamos explicar de que maneira os posicionamentos axiológicos, tanto das entrevistadas quanto dos comentários colocados pelos sujeitos/internautas em cada postagem selecionada, contribuíram para o enriquecimento das discussões sobre a temática.

Todavia, sabemos que, apesar de serem duas mulheres famosas expondo os seus depoimentos e falando de maneira aberta sobre como o processo de ser ou de tornar-se mãe, muitas vezes, não é uma tarefa fácil, há de se ter consciência de que situações parecidas acometem muitas outras mulheres não famosas. Assim, pelos depoimentos analisados e os valores axiológicos contidos em cada um, verificamos a existência e a predominância de um apoio das outras mulheres ao que estava sendo exposto, o que, de modo algum, pode ou deveria suscitar dúvidas sobre a função materna, considerada por muitas pessoas, principalmente mulheres, como uma “dádiva divina”.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **A noção de texto**. Natal: EDUFRN, 2022.

ALVARENGA, Ana Paula Becker; POLATO, Adriana Delmira Mendes. O posicionamento axiológico anti-pronunciamento presidencial em uma charge política. **Revista Linguagem**. São Carlos, vol. 40, n. 1, p. 369-384, mar. 2021. Disponível em: <https://linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/1416/887>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BORGES DA SILVA, Maria Liliane; FABIANO-CAMPOS, Sulemi. Posições axiológicas e as vozes reportadas em artigos científicos do PROFLETRAS. **Revista do**

GELNE, v. 24, n. 2, p. 139-151, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/28097>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. História e alcance teórico-metodológico. In: Roseli Figaro (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-98.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: Mário Eduardo Martelotta (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2ª ed., 2022, p. 113-126.

CUNHA, Doris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico de notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 4ª ed., 2005, p. 166-179.

DIAS, Aline Milena Borges da Silva. Posicionamento axiológico em tempos de pandemia de COVID-19: uma análise do enunciado verbo-visual da charge. **Revista Falange Miúda**, v. 7, n. 2, p. 1-11, nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/347>. Acesso em: 22 jan. 2024.

DIAS, Aline Milena Borges da Silva. Representações da mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica: a orquestração de vozes na construção do posicionamento axiológico. **Revista Estudos Semióticos**, v. 19, n. 1, p. 208-226, abr. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/203977>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 2005, p. 167-176.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Que é a linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 131-156.